



ESTADOS UNIDOS

Trump endurece cerco a estrangeiros

Imigração amplia as operações de detenções e coloca centenas de crianças filhas de não documentados sob custódia do governo. Governo proíbe entrada de cidadãos de 12 países e veta a emissão de vistos para estudantes da Universidade de Harvard

» RODRIGO CRAVEIRO

Centenas de crianças foram levadas de suas casas e detidas sob custódia do governo, muitas vezes separadas dos pais, de acordo com a emissora CNN. Imigrantes não documentados foram capturados sem mandado de prisão. Mais de 5 mil homens de todas as agências federais de segurança e até 21 mil soldados da Guarda Nacional estão mobilizados para intensificar as apreensões de estrangeiros em condição ilegal nos Estados Unidos, revelou a rede de TV NBC.

No início da noite, o presidente Donald Trump assinou uma proclamação para proibir a entrada nos EUA de cidadãos de 12 países, ao citar “riscos à segurança”. As nações atingidas são: Afeganistão, Mianmar, Chade, República do Congo, Guiné Equatorial, Eritreia, Haiti, Irã, Líbia, Somália, Sudão e Iêmen. Cidadãos de outros sete países — Burundi, Cuba, Laos, Serra Leoa, Togo, Turcomenistão e Venezuela — sofrerão restrições parciais de entrada.

Também ontem à noite, o líder republicano cumpriu com a promessa e escalou sua guerra ideológica contra a Universidade de Harvard, ao suspender os vistos para novos estudantes estrangeiros da instituição de ensino superior privada.

O endurecimento da política migratória de Trump envolve denúncias de arbitrariedade. Uma reportagem publicada pelo jornal britânico *The Guardian* revela que os agentes do ICE — o serviço de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos foram “instruídos” a usar a criatividade

Michael M. Santiago/Getty Images/AFP



Menina tenta abraçar o pai, ao ser escoltada por agentes federais, após audiência no ICE, em Nova York

para deter pessoas não documentadas e aumentar o número de prisões no último fim de semana. A determinação inicial era de uma média diária de 3 mil detenções.

De acordo com a CNN, a detenção de crianças visa tornar mais difícil a libertação dos pais não documentados. Desde que Trump retornou à Casa Branca, em 20 de janeiro, cerca de 500 menores foram colocados sob custódia do governo, depois de

submetidos a uma espécie de “checagem de bem-estar”. Em alguns casos, o procedimento contou com a participação do FBI, a polícia federal americana.

Em 27 de maio, a empresária paranaense Nikole Fernandes, 41 anos, saía de casa, em Leominster (Massachusetts), quando foi detida por agentes não caracterizados, que depois chamaram o ICE. Transferida para uma penitenciária em Vermont, foi removida para uma instalação do ICE em

Karnes City, no Texas, antes de dar entrada no Complexo de Detenção South Texas, 3.315km a sudoeste de Leominster. Da janela do quarto, a filha de Nikole filmou a ação. Nas imagens, um agente abre a porta do carro, interpela a brasileira e, imediatamente, a leva até outro veículo descaracterizado. A garota reage com perplexidade à detenção e começa a chorar.

Sob condição de anonimato, uma amiga contou ao *Correio* que Nikole chegou aos EUA em

fevereiro de 2019. “Ela era lojista no Brasil, sempre comprava coisas aqui e levava para vender no Brasil, onde tinha uma loja. Nikole sempre teve medo da Imigração, mas era uma coisa tão difícil, porque conhecemos tanta gente que mora aqui há anos, sem documentos, que, para a gente, é até normal”, contou. De acordo com a amiga, Nikole trabalha com produção de eventos em Massachusetts. “A gente acredita que alguém a denunciou, porque ela chegou aos

Estados Unidos com visto”, disse.

Um dia depois de Nikole divulgar vídeo em que denunciava racismo sofrido por uma influencer cristã convidada por ela para uma pregação na Flórida, agentes a abordaram. “As 10h (hora local), ela foi surpreendida por agentes descaracterizados ao dar ré no carro. Foram truculentos, colocaram a mão dela para trás e exigiram os documentos. Ao conferirem a documentação, chamaram o ICE”, relatou a amiga.

Autodeportação

A paranaense foi levada à penitenciária, onde teria sido coagida a assinar um termo de autodeportação, segundo a amiga. Nikole cuidava sozinha das duas filhas, de 18 e de 4 anos. Ambas estão com o pai. Uma amiga criou uma vaquinha on-line para contratar um advogado de imigração e auxiliar a família de Nikole.

Diretor do Centro para Estudos Latino-Americanos da American University (em Washington), Ernesto Castañeda admitiu que os EUA tornaram mais difícil a vida de estrangeiros em situação irregular. “No passado, a prioridade eram os migrantes não documentados com antecedentes criminais ou aqueles com ordem de deportação ou mandados de prisão do ICE. Cada vez mais prisões oportunistas ou ‘colaterais’ têm ocorrido. Pessoas têm sido ligadas a gangues, sem provas sólidas. Migrantes são deportados sem devido processo legal, sem concordar, sem consultar advogado ou sem a chance de se apresentar a um juiz de imigração”, explicou ao *Correio*.

GUERRAS

Putin promete retaliar ataque sem precedentes de drones

Em conversa por telefone com Donald Trump, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, avisou ao colega norte-americano que retaliará o ataque sem precedentes lançado pela Ucrânia no último domingo. Mais de 100 drones foram levados em caminhões até a Sibéria, a 4.000km da fronteira. Carregados de explosivos, as aeronaves não tripuladas destruíram 41 bombardeiros estratégicos em quatro bases militares russas.

“O presidente Putin disse, e muito energeticamente, que terá que responder aos ataques nos aeródromos”, escreveu Trump em sua plataforma Truth Social. “Nós discutimos sobre o ataque e sobre vários outros ataques que têm sido feitos por ambos lados. Foi uma conversa boa, mas não uma conversa que levará a uma paz imediata.” A dúvida, agora, é como Moscou revidará a ofensiva mais ousada desde o início da guerra, em 24 de fevereiro de 2022.

Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), disse ao *Correio* que é impossível entrar na mente de Putin para analisar possíveis retalições. “Se eu fosse russo, depois de um ataque tão humilhante, que danificou uma parte importante e

Maxar Technologies/AFP

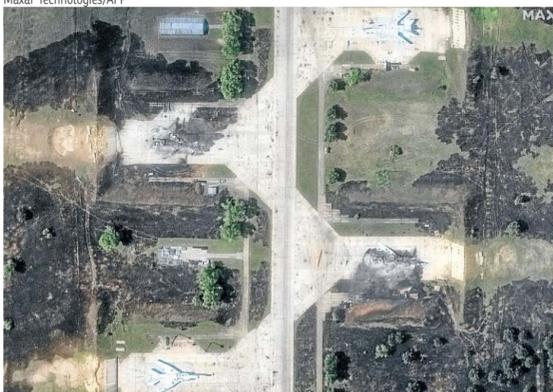


Foto de satélite mostra bombardeiros destruídos em base da Sibéria

inestimável dos ativos militares de Moscou, eu escolheria uma resposta contra um alvo valioso para a Ucrânia. O primeiro que vejo é o Porto de Odessa, uma espécie de ‘portão do mar’ para os ucranianos. Atacá-lo significaria afetar a rota de exportação de grãos da Ucrânia, na véspera da temporada de colheita. Isso infligiria danos significativos econômicos para Kiev”, comentou.

Possibilidades

Burkovsky admite uma ofensiva russa contra infraestrutura

de transporte crítica, como pontes ferroviárias sobre o Rio Dnipro. “Elas são muito importantes para operações militares da Ucrânia”, disse. “É claro, não podemos descartar um massivo ataque com mísseis contra instalações de treinamento ou academia militares, com o intuito de matar o maior número possível de pessoas. O povo, a nação e as vidas são o centro de gravidade para a Ucrânia.” Uma terceira opção seria um ataque à infraestrutura energética para levar o fornecimento de eletricidade ao colapso.

Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (Iniciativa de Democracia na Eurasia), em Kiev, Peter Zalmanyev considera importante que, na conversa com Trump, Putin não tenha mencionado a possibilidade de usar armas nucleares na retaliação. “Os russos podem usar várias centenas de drones ou de mísseis balísticos. Seria algo espetacular e equivaleria à humilhação sofrida por Putin. Moscou também poderia disparar o Oreshnik”, afirmou à reportagem, ao citar o míssil balístico de alcance intermediário capaz de atingir 12.300 km/h.

Zalmanyev destacou que Trump não criticou Putin nem tentou demovê-lo da ideia de retaliar a operação de espionagem e militar ucraniana na Sibéria. “O presidente russo continua a jogar o jogo de Trump, que poderá utilizar o Irã e o desarmamento nuclear. Mas, não acho que Putin exerça qualquer tipo de influência sobre os aiatolás”, comentou. Por sua vez, Mykhailo Samus — diretor da Rede de Pesquisa em Nova Gepolítica (em Kiev) — assegurou ao *Correio* que a Ucrânia “apenas quer parar com a guerra”. “Não nos importamos com as bombas russas. Eles apenas matarão mais ucranianos e nós responderemos.” (Rodrigo Craveiro)

Eyad Baba/AFP



Garoto palestino segura vasilha vazia, enquanto espera por refeição quente, em Nuseirat

Centros de ajuda fechados

A fundação apoiada por Estados Unidos e Israel que opera locais de ajuda na Faixa de Gaza fechou temporariamente suas instalações. O Exército israelense advertiu que as estradas que levam aos centros de distribuição eram “zonas de combate”. O anúncio da Fundação Humanitária de Gaza (GHF) foi seguido de uma série de incidentes mortais perto dos locais de distribuição que opera, o que provocou forte condenação das Nações Unidas.

Bombardieiros israelenses mataram, ontem, pelo menos 48 pessoas em Gaza, incluindo 14 em um único ataque a uma tenda que abrigava pessoas desalojadas, informou a Defesa Civil do território palestino. Um dia antes, 27 pessoas

morreram quando tropas israelenses abriram fogo perto de um local operado pela GHF no sul do território ocupado palestino.

“Os centros de distribuição permanecerão fechados para reformas, reorganização e melhoria da eficiência”, afirmou a GHF, uma ONG com financiamento opaco. Depois, indicaram que retomariam as operações ainda hoje.

Os Estados Unidos voltaram a vetar, no Conselho de Segurança da ONU, uma resolução que pedia o cessar-fogo e o acesso de ajuda humanitária à Faixa de Gaza. O projeto, apresentado ontem pelos dez membros não permanentes do Conselho, recebeu 14 votos a favor e apenas o dos EUA contra.